



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOTECNIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Edlen Cris dos Santos Souza  
Paloma Pereira**

**IDENTIFICANDO BARREIRAS DE GÊNERO NAS AULAS DE FUTSAL**

**PARINTINS – AM  
2024**

**Edlen Cris dos Santos Souza  
Paloma Pereira**

## **IDENTIFICANDO BARREIRAS DE GÊNERO NAS AULAS DE FUTSAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas como pré-requisito para obtenção de título de graduação em Licenciatura em Educação Física.

**ORIENTADORA: PATRÍCIA DOS SANTOS TRINDADE**

**PARINTINS - AM**

**2024**

**Edlen Cris dos Santos Souza  
Paloma Pereira**

## **IDENTIFICANDO BARREIRAS DE GÊNERO NAS AULAS DE FUTSAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, como pré-requisito para obtenção de título de graduação em Licenciatura em Educação Física, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Patrícia dos Santos Trindade.

Aprovado em 25 de Julho de 2024

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia dos Santos Trindade, Presidente  
Universidade Federal do Amazonas

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alana Carolina Costa Veras, Membro  
Universidade Federal do Amazonas

---

Prof. Me. Alex Carneiro Brandão, Membro  
Universidade Federal do Amazonas

## IDENTIFICANDO BARREIRAS DE GÊNERO NAS AULAS DE FUTSAL

PEREIRA, Paloma<sup>1</sup>

SOUZA, Edlen<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar a participação de meninas nas aulas práticas do conteúdo esporte, na modalidade futsal, durante as aulas de Educação Física. Sobretudo a respeito das questões sobre gênero, durante as vivências no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) no ambiente escolar. Considerando a colocação da mulher no futebol, buscamos de forma qualitativa, coletar dados por meio de questionário, contendo perguntas voltadas para a participação das meninas no futsal, as experiências relatadas por elas e a inserção delas no esporte, e se existem diferenças de gênero na prática do futsal no ambiente escolar. O estudo foi realizado com 10 meninas das turmas dos 5º anos do ensino fundamental da Escola Estadual Gentil Belém localizada no município de Parintins-Amazonas. Os resultados obtidos mostram que as alunas gostam e praticam futsal na escola, porém enfrentam discriminações e preconceitos, além de haver pouca interação entre ambos. No entanto, fora do ambiente escolar, raramente tem a oportunidade de praticar a modalidade. A pesquisa revela que os professores separam meninos e meninas nas aulas de Educação Física, e a preferência em realizar as aulas é de forma separada e não conjunta. A pesquisa evidenciou que a falta de inclusão e o tratamento desigual foram fatores que contribuem para o afastamento das alunas do esporte.

**Palavras-chave:** Educação Física; Gênero; Futsal; Meninas.

---

**Abstract:** The aim of this study is to analyze the participation of girls in practical classes in the sport of futsal during Physical Education classes. Especially with regard to gender issues, during experiences in the Institutional Teaching Initiation Program (PIBID) in the school environment. Considering the place of women in soccer, we sought to collect data in a qualitative way, using a questionnaire containing questions about girls' participation in futsal, their experiences and their inclusion in the sport, and whether there are gender differences in the practice of futsal in the school environment. The study was carried out with 10 girls from the 5th grade classes at the Gentil Belém State School located in the municipality of Parintins, Amazonas. The results show that the students enjoy and practice futsal at school, but face discrimination and prejudice, and there is little interaction between the two. However, outside the school environment, they rarely have the opportunity to practise the sport. The research reveals that teachers separate boys and girls in PE classes, and the preference is for classes to be held separately rather than together. The research showed that the lack of inclusion and unequal treatment were factors that contributed to girls' withdrawal from sport.

**Keywords:** Physical Education; Gender; Futsal; Girls.

## **1 Introdução**

O Brasil é amplamente reconhecido como o país do futebol, tornando este esporte bastante praticado em território nacional. Nessa perspectiva, o esporte pode ser visto como conteúdo dentro da escola. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), traz como componente curricular a Educação Física, que é interpretada com base em suas práticas corporais, divididas em unidades temáticas como diz Brasil (2013).

Entre essas unidades temos o esporte que se destaca nas aulas de Educação Física, principalmente a modalidade futsal, que é considerado uma modalidade

coletiva que se encontra dentro do esporte de invasão, tendo como principal objetivo atacar, defender e fazer o gol.

O esporte de invasão tem características, a formação de equipes, onde envolve a busca pela marcação de pontos. González; Darido; Oliveira, (2014), mencionam que o futsal é um esporte realizado quando duas equipes se enfrentam, tendo uma equipe na defesa e a outra no ataque para realizar o gol e vice versa, e ao final da partida apenas uma equipe sai como vencedora.

Apesar de ser uma prática esportiva bastante difundida em escolas brasileiras, o futsal tende a apresentar uma predominância masculina, frequentemente afastando e excluindo as mulheres da participação, fortalecendo assim preconceitos e discriminações presentes tanto na sociedade em geral quanto no âmbito escolar. Sendo assim, é visto como natural por ambos os gêneros, a compreensão de que as meninas são mais fracas e frágeis para realizar determinadas práticas como menciona Joras (2013).

Podemos ressaltar que a Educação Física é um componente curricular que não trabalha apenas com movimentos e esportes, ela oportunizar também o autoconhecimento e a relação entre diferentes culturas e grupos sociais. Prado et al., (2010), destaca que a Educação Física proporciona aos alunos uma formação crítica, atentando as questões da realidade e rompendo padrões ditos corretos, assim construindo conhecimento acerca de diversas situações como as de gênero.

De acordo com a autora Judith Butler, em seus estudos, menciona que o sexo é algo natural, enquanto o gênero é construído com base na sociedade. Portanto cada corpo tem sua performance, na qual se desenvolve no decorrer do tempo, se constituindo por movimentos e estilos corporais, assim sendo, mesmo que se se assemelhem, as performances jamais serão idênticas. Por conseguinte, Butler (2003), menciona que gênero é considerado uma forma de expressão cultural e corporal que requer um vocabulário inovador, estabelecendo e promovendo a multiplicação de diversas formas, categorias que podem ser reinterpretadas e expandidas.

O uso da palavra gênero está relacionado há reivindicação de direitos e igualdades, vista como uma trajetória de luta fortemente observado na atualidade. Piscitelli (2002), relata que estudos envolvendo gênero foram se intensificando ao longo dos anos, principalmente os relacionados à “mulher”, e se tornando um marco

de transformações. Louro (2020), menciona que estudos sobre gênero tiveram seu início no século XX, principalmente com a luta do movimento feminista, ocorrendo em diversos países e assim alcançando o mundo inteiro.

Dessa forma, no decorrer da pesquisa podemos observar como foi construído o conceito de gênero e seus atravessamentos ao longo da história. Louro (2004), evidencia que o conceito gênero começou a construir teorias e conceitos feministas a partir da “segunda onda” do feminismo, no final da década de 1960. Neste momento, começou-se a questionar a existência do feminino ao masculino, e as diferenças existentes, visto que esses movimentos começaram a ter grande visibilidade quando as mulheres buscaram seus direitos e igualdades tanto no mercado de trabalho quanto para sua autonomia, pois não possuíam os mesmos direitos que os homens.

Quando falamos em “questão de gênero”, temos como principal exemplo as atividades que são atribuídas às mulheres, como cuidar da casa e dos filhos, e para os homens o sustento da família. Portanto, os movimentos feministas relatam que esses pensamentos são construídos com base nos costumes que foram se espalhando ao longo da história. Essas mudanças reivindicadas antigamente, possibilitaram a inserção da mulher em qualquer lugar atualmente, porém ainda nos deparamos com situações de preconceito e diferenças em relação ao gênero.

Todavia, quando falamos em identidade de gênero, podemos evidenciar que essa identidade é como cada pessoa se ver, assim podendo se identificar como sendo homem, mulher, nenhum dos dois ou os dois. Jesus (2012), diz que o termo “identidade de gênero” se refere ao gênero que a pessoa vem a se identificar, podendo estar de acordo com o gênero ao seu nascimento ou não.

Essa questão sobre o surgimento das diferenças entre os gêneros é um tema utilizado por vários estudiosos, não somente na Educação Física, mas em diversas áreas do conhecimento. Louro (2011), diz que meninas e meninos na escola têm experiências que atinge na diferenciação do gênero, proporcionando um desenvolvimento de habilidades diferenciais e estímulos que podem levar os alunos a se socializarem de modo diferente.

Campos (2015), explica que ao abordar gênero, sexualidade e diversidade sexual dentro do ambiente escolar, esse contribui positivamente no desenvolvimento da humanização da sociedade, assim quebrando barreiras construídas antigamente

como a cultura machista e a criação de padrões, e desconstruindo ideias de desrespeito, homofobia, preconceito e discriminação em relação às identidades e até mesmo questão de saúde.

É fato que a escola é um lugar pedagógico amplo que identifica as questões citadas anteriormente, além disso, ao falar sobre gênero dentro desse ambiente, favorece o conhecimento desse grande problema que se faz presente na educação.

Durante as observações das aulas práticas do conteúdo futsal na escola, notamos que as meninas pouco ou nada participavam. Isso ocorreu principalmente com as turmas dos quintos anos, aparentemente provocado pelo preconceito e comentários maldosos realizados pelos meninos, o que afetou o interesse e a inserção delas na prática.

A partir disso, o presente estudo visa analisar a participação de meninas nas aulas práticas do conteúdo esporte, na modalidade futsal, durante as aulas de Educação Física em uma escola pública estadual de Parintins-AM. Esse estudo tem como objetivo principal analisar as problemáticas como as questões de gênero, o preconceito e diferenças enfrentadas pelas alunas nas aulas; verificar os posicionamentos delas sobre a participação nas práticas esportivas especificamente no futsal; apresentar propostas pedagógicas que ajudem a diminuir o preconceito em relação ao gênero e verificar as diferenças entre ambos quando praticam o futsal durante as aulas de Educação Física.

## **2 METODOLOGIA**

Este estudo se caracteriza pela abordagem qualitativa, que segundo Thomas e Nelson (2002), adota-se quando há o propósito de alcançar aspectos subjetivos e objetivos por meio de entrevistas realizadas com um grupo de indivíduos e de natureza aplicada, visando descrever os objetivos por meio de procedimentos de levantamento de informações.

As entrevistas foram realizadas dentro do ambiente escolar, onde cada aluna respondeu a entrevista individualmente, no período de 15 a 17 de abril. O instrumento foi validado pela professora Doutora Alana Carolina Costa Veras.

A amostra foi composta por 10 alunas entre 10 e 11 anos de idade, do 5º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Gentil Belém, localizada na cidade de Parintins - AM.

Considerando a necessidade de manter a identidade das alunas preservada, seus nomes não foram citados, conforme o que previa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por seus responsáveis, sendo assim os seus nomes estão substituídos por números:

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada composta por onze perguntas relacionadas: às aulas de Educação Física, com ênfase nas aulas práticas de futsal e a baixa participação de alunas; a relação de gênero durante as aulas; as percepções delas sobre a prática da modalidade; a separação dos alunos por sexo; e a interação entre ambos.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Acredita-se que o fato de os meninos apresentarem grandes habilidades, acaba dificultando a aceitação das meninas nas aulas. Esta construção sexista começa dentro da nossa sociedade que determina desde o nascimento, o que é de menino e o que é de menina, contribuindo com a reduzida participação das mulheres em campos e quadras. Nas aulas de Educação Física, desde os anos iniciais, a baixa participação das meninas nesta modalidade se torna perceptível.

Histórica e culturalmente o futsal é uma modalidade esportiva praticada em sua maioria por homens. Rosa et al. (2020), diz que no Brasil, o futebol vem sendo visto e imposto como um esporte somente para homens, e esse pensamento vem sendo percebido nas aulas de Educação Física.

Dessa forma, destacamos o patriarcado, muito citado na literatura feminista, para apresentar as relações de poder entre homens e mulheres, fato bastante importante quando falamos das relações de gênero. Segundo Cisne e Santos (2018), o patriarcado funciona de acordo com o sistema regido na qual a lógica de atributo e a dominação da masculinidade estão subalternizadas e invisibilizando mulheres. Dessa forma, o patriarcado pode estar relacionado ao gênero, visto que se estabelece

um processo de dominação e subordinação, onde as mulheres são vistas como objeto de domínio.

Freire (2006), menciona que com o começo da industrialização, a família vista como patriarcal que seguia a ordem do “chefe de família”, começou a perder sua superioridade, e conseqüentemente a mulher passou a ter sua liberdade e autonomia. Atualmente já percebemos grandes avanços, principalmente quando a mulher se faz presente em espaços que nunca imaginou ocupar e realizando atividades ditas masculinas.

Lanz (2018), destaca também que os homens assumem responsabilidades estabelecidas pela sociedade, assim desempenham sua masculinidade conforme lhe é atribuída desde o nascimento, como o pensamento de poder e grandeza.

Quando discutimos questões de gênero, não estamos apenas com a finalidade de analisar as diferenças entre os sexos, mas também a maneira que ambos se relacionam, isso pode ser observado nas aulas práticas de futsal, principalmente quando os meninos reportam a ideia de um esporte apenas masculino, e o não convívio com as meninas.

Apesar de diversos acontecimentos as mulheres praticam diversas modalidades esportivas. Como afirmam Teixeira e Caminha (2013), no Brasil, quando falamos de desenvolvimento do futebol feminino, logicamente ouvimos que não é frequente a sua expansão, apesar de ganhar espaços concretos dentro da sociedade e ser reconhecido, atualmente, o futebol feminino ainda possui pouca visibilidade quando comparado ao futebol masculino.

Tendo a Educação Física como componente curricular essencial dentro da escola, deve-se proporcionar aos alunos a compreensão de igualdade entre os gêneros, fortalecendo os valores e normas sociais. O termo gênero por muito tempo foi utilizado pela sociedade como forma de relacionar os papéis desempenhados por homens e mulheres, e dentro da escola não é diferente, podemos observar principalmente nas aulas de Educação Física, quando os alunos priorizam a competitividade, exclusão e desigualdade.

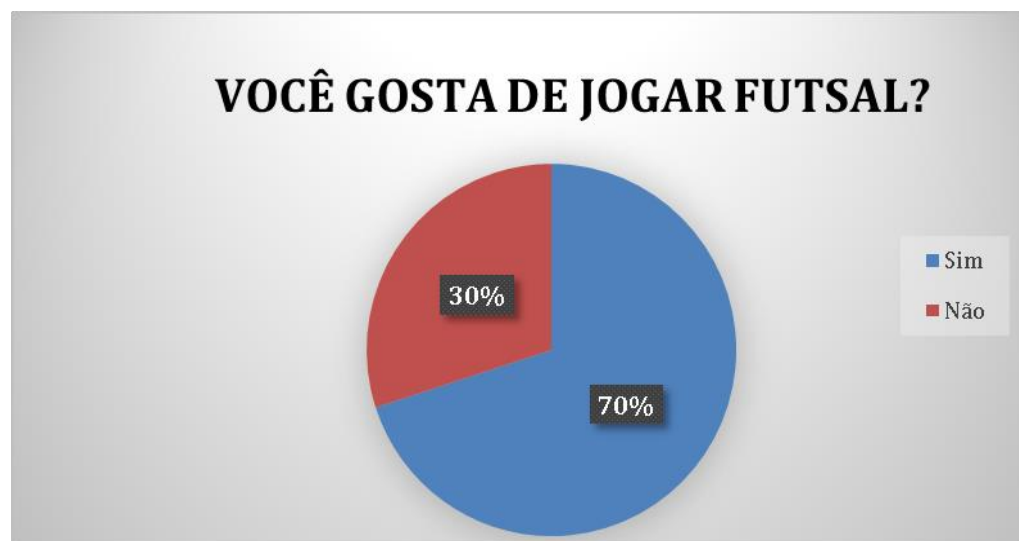
A princípio, o gênero é entendido como um conceito grandioso, não se centrando apenas sobre a referência biológica. Além disso, ele pode ser considerado como um processo histórico, social e cultural dentro da sociedade, trazendo

influências da dimensão natural do ser humano. Com base nisso entende-se que esse conceito se faz importante na construção de identidade de qualquer pessoa como menciona Goellner (2001); (2013) e Lanz (2015).

Auad (2006), menciona que existe preconceito em nossa sociedade e que a educação correta de meninas e meninos quanto ao gênero na escola se torna o principal meio para corrigir essa falha social, buscando romper as diferenças, por meio da discussão de que ambos os sexos são capazes de realizar feitos importantes e que as diferenças devem ser utilizadas para incentivar a união e compreensão dos indivíduos que vivem em sociedade.

Levando em conta esses aspectos, o esporte se torna fundamental na escola, tendo em vista que o objetivo da educação é formar alunos que possam atuar de forma crítica diante da sociedade, criando valores sociais e morais que promovam a formação do aluno para a vida.

1. Gráfico sobre o gosto das meninas pela prática do futsal durante as aulas de Educação Física:



**Figura 01:** Gráfico sobre o gosto de meninas pela prática do futsal.

**Fonte:** Entrevista semiestruturada (15/04/2024).

Quando indagadas sobre gostar de praticar futsal, 7 meninas relataram que gostam de jogar por ser um esporte legal, divertido e por praticarem durante as aulas de Educação Física na escola, enquanto 3 afirmaram que não praticam o esporte por

possuírem dificuldades e não se sentirem à vontade para jogar. Dessa forma, Salvini e Marchi Júnior (2016), ressaltam que o preconceito, não é suficiente para fazer com que as mulheres abandonem a prática esportiva, porém elas afirmam que jogam somente dentro da escola, pois o acesso ao futsal feminino é algo difícil.

Diante disso, questionamos o porquê de não praticarem o futsal fora da escola, e a maioria afirmou que não quer ser comparada aos meninos com receio de ter sua feminilidade questionada, visto que na escola costumam sofrer preconceito. Mascarin et al., (2017), diz que existe o preconceito principalmente contra as mulheres que praticam o futsal, estabelecendo uma associação com a homossexualidade. Observamos nos discursos das alunas entrevistadas que há um incômodo quando são associadas à homossexualidade.. Essas falas descrevem o quanto o ambiente escolar, familiar e a sociedade em geral contribuem com o preconceito na prática desse esporte, considerando que não praticam diariamente, por ser uma modalidade “somente para homens”, assim as próprias meninas ao realizarem a modalidade veem a sentir medo e receio, pelas ofensas em relação a sua orientação sexual.

Vilani e Samuski (2002), mencionam que é na família que o atleta desenvolve sua identidade e a motivação para a prática de esportes. Isso ocorre principalmente por ser introduzido na infância o costume de meninas ganharem bonecas, utensílios domésticos de brinquedo, por serem incentivadas pelos pais a não suar e se sujar; além disso, muitas vezes são ensinadas que mulheres apenas realizam atividades domésticas. E ao querer brincar na rua, são impedidas pelos pais, considerando improvável uma menina nesse ambiente cercada por meninos, mesmo que apenas em brincadeiras.

Este cenário é resultado de hábitos culturais em que meninos, desde seus primeiros anos de vida, ganham uma bola e são estimulados a chutá-la, ao contrário das meninas que não são estimuladas a praticar futsal ou futebol, pois segundo Barreto (2016), ocupam menos lugares como jogadoras profissionais, e mais posições como árbitras e assistentes.

Conforme Saraiva (2005), desde pequeno, os pais orientam aos seus filhos que brinquem com objetos de acordo com seu sexo biológico em razão disso crianças crescem desenvolvendo estereótipos e comportamentos preconceituosos. Essas questões refletem hábitos que meninas e meninos carregam durante o seu

desenvolvimento, e são facilmente perceptíveis durante as aulas práticas realizadas na escola.

Ao analisar as aulas de Educação Física, identificamos que a maior participação foi dos meninos, reforçando o pensamento que o “futsal é coisa de menino”. Daólio (2006), esclarece que as habilidades motoras entre homens e mulheres são utilizadas como exemplos da vida diária. Isto é, uma mulher possui características como afetividade e fragilidade e os homens são ativos e agressivos, tendo esse pensamento naturalizado por ambos os gêneros.

Sabemos que as questões de gênero são frequentes dentro da escola, principalmente em modalidades esportivas em que há predominância masculina. Durante as práticas que observamos, eram raros os momentos que as meninas jogavam bola, fazendo com que a participação delas fosse insignificante.

Dessa maneira, entendemos que o professor precisa intervir criando soluções para que o aluno possa reconhecer que o esporte pode ser praticado tanto por meninos quanto por meninas. O aluno nas aulas de Educação Física deve adquirir capacidades para conhecer, reconhecer e problematizar os conteúdos ensinados, absorvendo princípios a serem utilizados no seu convívio em sociedade. Kunz (2004), reforça em seu pensamento que o esporte, não necessariamente deve ser utilizado de forma tradicional dentro das escolas, buscando rendimentos, mas também sendo introduzido no desenvolvimento da formação do aluno.

As alunas relataram que buscam se inserir no esporte, mesmo com a pouca visibilidade, aceitação pública e familiar em atividades esportivas. De acordo com Di Pierro (2007), em toda a história as mulheres eram desvalorizadas nas práticas esportivas, e a obtenção de direitos, contribuiu para a participação delas em competições. Nessa perspectiva, o crescimento da participação das mulheres nos esportes se deu com o processo de globalização e amadurecimento da sociedade.

Contudo, dentro das aulas de Educação Física, existe diferença de gênero durante a prática do futsal, e isso ocorre principalmente, pelo fato dos meninos considerarem as meninas “menos habilidosas”. Essas diferenças são perceptíveis quando os meninos não aceitam que meninas sejam inseridas em seus times, por receio de perder as partidas, e por considerar a falta de conhecimento no esporte.

Melo et al. (2016), mencionam que gênero e sexualidade na escola são assuntos frequentes e que existem setores a favor e contra as mudanças que são realizadas dentro do plano de ensino dos professores que almejam incluir esse tema. Nessa perspectiva, é importante que os alunos compreendam as relações de poder dentro do ambiente escolar.

## 2. Gráfico sobre a interação entre meninos e meninas durante as aulas.



**Figura 02:** Interação entre meninos e meninas nas aulas de futsal.

**Fonte:** Entrevista semiestruturada (15/04/2024).

Quando perguntamos se nas aulas de futsal ocorre interação entre meninas e meninos, das 10 meninas entrevistadas, 7 delas argumentam que não há interação nas aulas de futsal, “nós meninas e meninos não interagimos nas aulas de futsal porque geralmente os meninos não gostam, preferem jogar entre si” (aluna 2), enquanto as alunas 3,4 e 7 disseram que “há interação apenas com colegas mais próximos delas, não ocorrendo em todas as aulas”.

Notamos que a comunicação entre ambos os sexos durante as aulas é baixíssima, pois segundo a aluna 6, “[...] quando o assunto é futsal, os meninos se acham os melhores, e isso faz com que não haja interação entre nós durante as aulas, eles não costumam nos chamar para jogar”. Isso se dá pelo fato de os meninos agirem de forma preconceituosa em relação às meninas.

De acordo com Pinsky e Pedro (2003), o machismo vem desde a época da Revolução Francesa onde a maioria dos homens tinha o pensamento de que a igualdade não era um direito estendido às mulheres, e que elas não poderiam ter benefícios e que deveriam apenas ocupar o papel de subordinadas. Tal fato colabora com a fala da aluna 9, quando diz: “[...] nas aulas de futsal, os meninos gostam de ficar só eles na quadra, e as meninas ficam muitas vezes sentadas olhando-os, pois eles são muito chatos e não deixam a gente participar.

A interação entre meninos e meninas durante a prática do esporte é fundamental para o seu desenvolvimento. Saraiva (2005), acrescenta que a discriminação sexual em aulas de Educação Física é resultado da conformação de consciências estereotipadas que se dá no processo de socialização das pessoas.

Esse é o caminho por meio do qual a criança, pouco a pouco, se introduz no repertório de papéis que precisará exercer como adulto participante de um grupo social.

### 3. Gráfico sobre a separação de meninos e meninas nas aulas práticas pelo professor:



**Figura 03:** Separação os alunos pelo professor entre meninos e meninas.

**Fonte:** Entrevista semiestruturada (15/04/2024).

Como resultado, 6 meninas relatam que os meninos “não jogam junto com as meninas e que “a professora separa sim os alunos por sexo durante a realização de atividades, pois eles sabem jogar”. Ficando mais evidente quando elas mencionam que eles ficam bravos quando não conseguem passar a bola. Uma vez observada a

pouca interação entre os alunos, promover deliberadamente a separação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física prejudica ainda mais a aprendizagem e conhecimento das relações de gênero. Enquanto 4 alunas dizem que a professora separa somente as vezes os alunos entre meninos e meninas.

Auad (2006), diz que ao verificar o modelo escolar misto no Brasil, podemos observar que normas escolares, conteúdos, utilização de espaços e técnicas educacionais são os principais meios pela qual existe a separação de alunos. Ou seja, as diferenças existentes na sociedade são aproveitadas pelos professores para reforçar a separação de meninas dos meninos durante as aulas.

Logo, percebe-se que o próprio professor ocasiona um conflito de gênero nas aulas de Educação Física, principalmente quando realiza essa separação entre os alunos, o que deveria ser evitado, pois quando praticam atividades em conjunto ambos aprendem a ter a consciência de igualdade, desconstruindo relações de dominação imposta pelos meninos, ajudando na interação dos próprios.

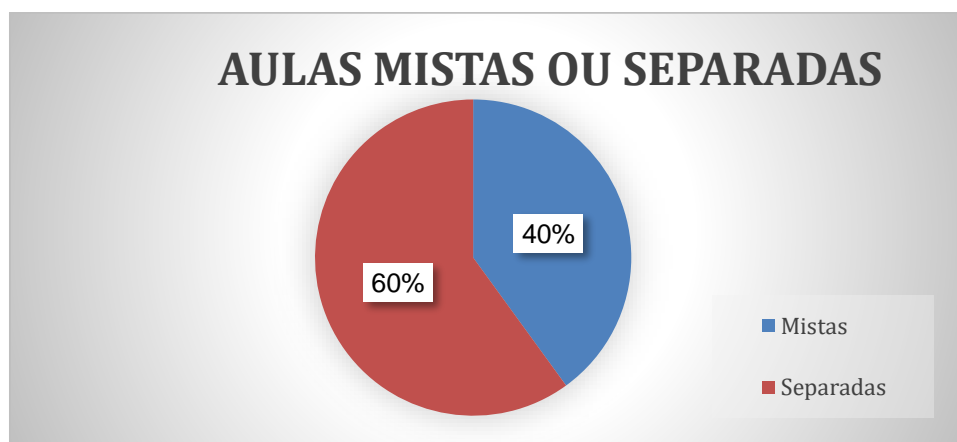
Segundo o estudo de Fraga (2000), mostra que a não separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física promove a desconstrução dos conceitos que geram a desigualdade, estabelecendo diferenças no que diz respeito ao masculino e feminino. Evangelista et al., (2020), diz que ao separa meninos e meninas nas aulas pode ser prejudicial para o desenvolvimento e a aprendizagem, a partir disso, quando o professor em sua aula realiza a divisão, ele deixa de trabalhar a integração e a socialização dos alunos, indo contra o que é recomendado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Prado (2017), afirma que existe separação das práticas corporais quando relacionadas ao gênero e que o professor precisa dar relevância a essas questões. Nesse sentido, entendemos que o papel do professor de Educação Física é estabelecer estratégias e ações integradoras que possibilitem aos alunos(as) terem as mesmas chances na escola e na sociedade, independentemente de habilidade e gênero.

A separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física durante anos foi um dos diversos motivos que reforçou as diferenças de gênero e não preparou os educadores para atuar em grupos mistos, numa perspectiva de romper as barreiras criadas entre meninos e meninas.

Uchoga et.al. (2016), esclarece que essa separação se dá pela forma como cada corpo age de acordo com seus movimentos, percebidas como diferentes para mulheres e homens, ou seja, as capacidades físicas influenciam a separação entre os alunos durante as aulas. E, dessa forma, cabe ao professor intervir, orientando os alunos a realizarem atividades que envolvam respeito, igualdade e produtividade, deixando clara a importância de lidar com o próximo.

4. Gráfico dos resultados sobre a preferência das aulas entre aulas mistas ou separadas:



**Figura 04:** Resposta das alunas sobre a preferência de aulas mistas ou separadas.

**Fonte:** Entrevista semiestruturada (15/04/2024).

Durante a pesquisa 6 alunas dizem que as aulas são melhores quando são separadas: “as aulas são muito divertidas separadas, porque os meninos geralmente gostam de jogar só eles mesmos” (aluna 7); além de “os meninos não gostam de jogar com a gente, eles se sentem os melhores e com isso acabam nos deixando excluídas” (aluna 3); e por fim, “os meninos fazem bullying com as meninas e são brutos, por isso gostamos de jogar separado deles” (aluna 1). Enquanto 4 alunas mencionam que preferem aulas mistas, em virtude de terem interação com alguns meninos. A (aluna 8), diz que gosta de jogar com os meninos mais próximos, visto que eles costumam passar a bola durante os jogos.

Observamos que a maioria das meninas não se sentem à vontade em realizar as atividades em conjunto, esse fato se dá principalmente pelos motivos apresentados na questão anterior. O medo de se machucar ou de se serem confundidas como

homossexuais, vêm aumentando, dessa forma há uma preferência das mesmas pela separação durante a realização das aulas de futsal.

Meyer (2009), retrata que as mulheres ao participarem de esportes, ocasionam conflitos de gêneros e culturas, principalmente devido as desigualdades e aceitação por parte dos homens. Isso podemos observar como, por exemplo, na escola, em momentos de jogos e lazer.

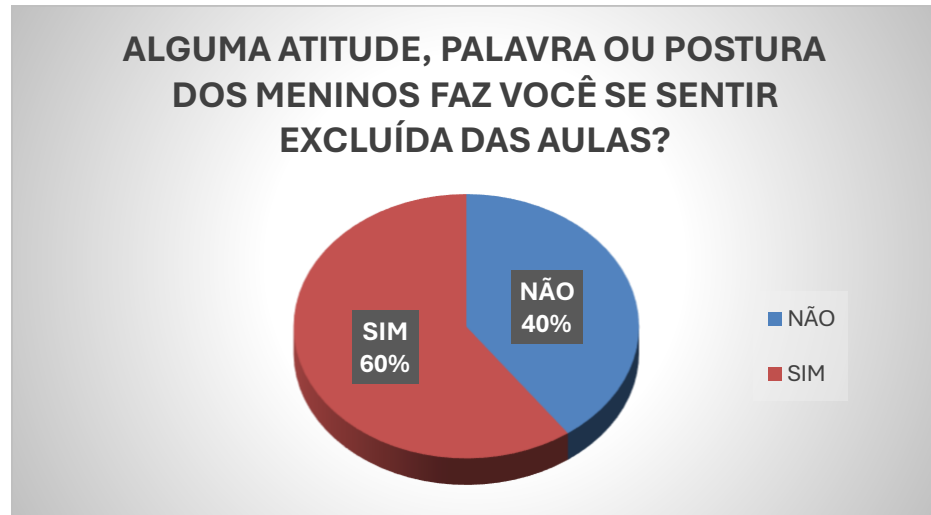
Algo bastante interessante de mencionar é que elas gostam de jogar futsal, porém não querem se misturar com meninos, contudo o professor precisa articular estratégias para que as meninas possam compreender que as aulas mistas oportunizam para ambas descobertas, aprendizagens, e a compreensão das diferenças e que ambos não venham a se sentir excluídos.

De acordo com Dornelles e Fraga (2009), as aulas mistas devem, sobretudo, incentivar debates sobre a divisão por sexos durante as aulas, com isso podemos buscar certas reflexões do relacionamento entre os alunos durante a realização das atividades, ou seja, destacar para os alunos a importância de aulas mistas.

Santana e Reis (2003), observaram que projetos de iniciação ao futsal feminino não são realizados frequentemente por escolas, clubes e muito menos por projetos de extensão universitários, quando comparados com a oferta destes para o público masculino. Os autores mencionam que este cenário ratifica a ideia de uma sociedade sexista, portanto seria o mesmo que dizer que esta modalidade é apenas para indivíduos do sexo masculino, principalmente para os mais habilidosos.

Também foi perguntado para as meninas, sobre as posturas, atitudes dos meninos e se elas se sentem excluídas das aulas.

5. A seguir podemos observar alguns dos discursos das alunas e o gráfico onde mostra as repostas delas sobre a exclusão nas aulas de futsal, referente a postura e atitudes dos meninos.



**Figura 05:** Resposta das alunas sobre a exclusão em virtude de atitudes, palavras e posturas dos meninos.

**Fonte:** Entrevista semiestruturada (15/04/2024).

6 participantes da pesquisa dizem que se sentem excluídas e não participam das aulas, por haver falas preconceituosas e discriminação por parte dos meninos. Entendemos que as meninas ao tentar realizar as atividades, sofrem algum tipo de discriminação do sexo oposto, elas também mencionam que escutam comentários maldosos e sentem constrangidas principalmente por tentarem jogar o futsal nas aulas de Educação Física.

Enquanto 4 meninas mencionam que não se sentem excluídas pois, sabem que o futsal não se enquadra somente na zona de conforto dos meninos, mas que também podem jogar e quebrar qualquer barreira que as impeça, mesmo que os meninos utilizem palavras que as deixem desmotivadas, e atitudes preconceituosas, elas jogam durante as aulas. Cristina Paim (2009), diz que quando as mulheres são atacadas por preconceitos, surgem obstáculos que as impedem de participar em qualquer esporte, ocasionando a violência de gênero. Podemos observar abaixo algumas das falas das alunas:

[...] quando queremos jogar eles não deixam e falam palavrões, e dizem que as meninas não jogam futsal. (aluna 2)

[...] os meninos brigam quando jogam, e não passam a bola quando jogamos juntos, e falam que as meninas não sabem jogar, e falam bobagens quando não conseguimos passar a bola para eles. (aluna 5)

[...] quando tentamos jogar com os meninos, eles dizem que não podemos porque não é coisa de menina, e que somos fracas para chutar a bola. (aluna 8)

Apesar de ocorrer a frequente exclusão durante essas práticas, esses momentos ocorrem principalmente quando a professora ao final de suas aulas sede um tempo livre para os alunos realizarem qualquer atividade. Assim como citado pelas participantes na entrevista, eles dividem a quadra, enquanto as meninas jogam queimada e voleibol, os meninos jogam futsal, todavia vale ressaltar que são poucas as meninas que jogam futsal com os meninos, e quando isso ocorre eles não costumam dar oportunidade para elas chutarem e fazerem gol.

Perante a árdua luta pela inserção da mulher no meio esportivo e contra o preconceito em virtude do gênero, as mulheres atualmente ganham cada vez mais espaços concretos na sociedade e isso não se trata apenas do futsal.

6. A seguir temos o gráfico que mostra a opinião e resposta das alunas em relação a existência de esporte de menino e de menina:



**Figura 06:** Resultado sobre a existência de esporte de menino e esporte de menina.

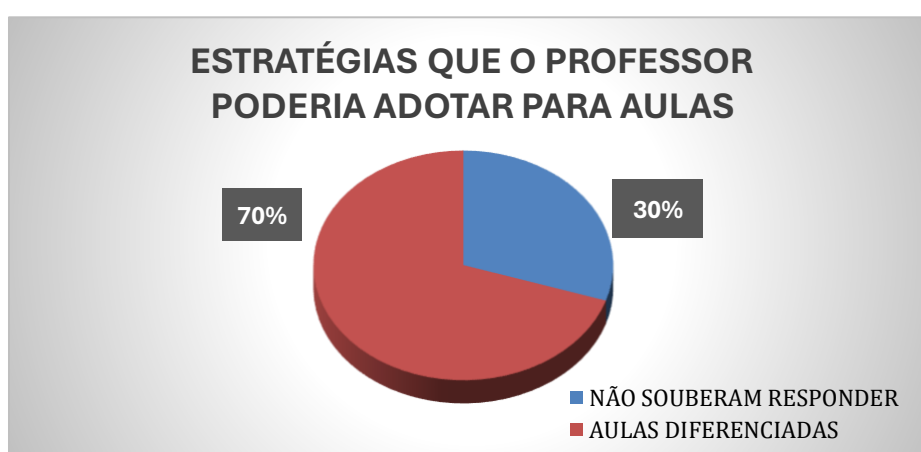
**Fonte:** Entrevista semiestruturada (15/04/2024).

Quando questionadas a respeito da existência de esporte para meninos e para meninas, 7 meninas responderam que ambos podem realizar qualquer esporte, e que não existe esporte de menino e menina, enquanto 3 dizem que existe esporte somente para meninos. Apesar de o futsal ser visto como um esporte masculino, a maioria das meninas possuem a compreensão de que todos podem praticar qualquer esporte, principalmente o futsal. Todavia, essa autonomia criada por elas, ajuda na construção de mulheres aptas a viver em sociedade de forma crítica, garantindo a participação ativa delas nas práticas esportivas.

Desse modo se torna viável mostrar e ensinar para os alunos que não é somente meninos que praticam esportes, mas que cabe a qualquer indivíduo decidir qual esporte praticar. Machado et al., (2010), menciona que os educadores em suas aulas devem trabalhar a questão do gênero como práticas integradoras que possibilitem os alunos a entenderem que ambos ocupam o mesmo espaço na escola, e na sociedade, e tem seus direitos iguais independentes do sexo ou habilidades que possuem.

Ao decorrer da pesquisa as alunas responderam à pergunta sobre as estratégias que o professor poderia utilizar para que todos pudessem praticar o futsal em conjunto.

7. A seguir o gráfico sobre as respostas das alunas sobre as estratégias que o professor poderia adotar para as aulas:



**Figura 07:** Resultado sobre as respostas das alunas sobre as estratégias que o professor poderia adotar nas aulas..

**Fonte:** Entrevista semiestruturada (15/04/2024).

Assim sendo, 7 meninas disseram que se o professor promovesse atividades diferenciadas, para que ambos os sexos participem, poderia ajudar a romper as diferenças que existem, enquanto 3 alunas não souberam responder à pergunta.

Maia et al. (2011), mencionam que a escola e os professores são os responsáveis pela formação da percepção de identidades e questões de gênero, e o incentivo a determinados aspectos pessoais presentes em cada indivíduo, não somente em aulas práticas, mas também durante a realização de tarefas cotidianas em sala de aula, tendo o poder de direcionar o pensamento cultural, social e o desenvolvimento da criança como um ser humano e cidadão apto a viver em sociedade.

Na visão de Marques (2014), um dos acessos que podem ser adotados nas aulas de Educação Física é a coeducação dos alunos que contribuem para a desconstrução de representações que são ditas como verdadeiras, como exemplo a autoridade masculina no esporte, assim podendo promover a redefinição das desigualdades em relação aos gêneros na escola. Portanto a abordagem da sexualidade, diversidade sexual e gênero no ambiente escolar deve contribuir de maneira positiva para o processo de educação da sociedade, buscando romper as teorias construídas ao longo dos anos.

A coeducação pode ser utilizada pelos professores como forma de combater o sexismo, ajudando no desenvolvimento dos alunos, principalmente no que se refere a prática corporais, assim quebrando barreiras determinadas por cada sexo. Saraiva (2005), menciona que a coeducação na Educação Física, promove reflexões de gênero e diminui as desigualdades, além de possibilitar ao aluno a valorização das diferenças e habilidades independente do sexo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho tem como objetivo analisar a participação das meninas nas aulas práticas de Educação Física, especificamente na modalidade de futsal, e as relações e questões de gênero vivenciadas na Escola Estadual Gentil Belém.

A maioria das alunas gosta e pratica futsal na escola, apesar das discriminações e receios enfrentados. Isso demonstra que as mulheres estão gradualmente conquistando mais espaço e rompendo barreiras. No entanto, fora do ambiente escolar, elas raramente têm a oportunidade de praticar futsal e não são incentivadas a fazê-lo, principalmente devido a crenças familiares de que o futsal não é apropriado para meninas e que a prática deste esporte poderia influenciar sua orientação sexual. Essas questões persistem na sociedade, mesmo com os significativos avanços das mulheres.

A pesquisa revelou que as alunas acreditam que o futsal não é um esporte exclusivo dos meninos e, portanto, jogam com eles, mesmo enfrentando dificuldades. As narrativas das alunas destacam a necessidade de os professores abordarem o futsal como uma forma de aprendizagem inclusiva para ambos os sexos. Foi mencionado que há separação nas aulas de Educação Física, resultando em pouca interação entre meninos e meninas. Assim, é fundamental que os docentes adotem métodos inovadores que promovam a interação e igualdade entre todos os alunos, sem distinção de sexo ou habilidades.

A pesquisa evidenciou que a falta de inclusão e o tratamento desigual contribuem para o afastamento das alunas do esporte. Portanto, é crucial que a escola e os professores trabalhem juntos para promover debates sobre inclusão e gênero em diversas situações, não apenas no futsal. Isso permitirá que os alunos adquiram conhecimentos que levarão para toda a vida.

Para finalizar, esta pesquisa sobre gênero destaca as realidades observadas no ambiente escolar, as problemáticas enfrentadas pelas alunas e as barreiras superadas em busca de igualdade e direitos, tanto na escola quanto na sociedade. É necessário quebrar paradigmas, eliminar restrições desnecessárias e encorajar a prática de atividades físicas por ambos os gêneros, proporcionando uma evolução conjunta.

## REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 96 p.

BARRETO, Soraya. A representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo. Observatório. Lisboa, vol.10, nº 1, jan. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. Brasília, DF: MEC; SEB; DICEI, 2013.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução, Renato Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 240 p.

CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 21, n. 4, p. I-IV, 2015.

Cisne, Mirla, e Silvana Mara Morais dos Santos. Femenismo, diversidade sexual e serviço social. Cortez Editora, 2018.

CORRÊA, A. M. H. O assédio moral na trajetória profissional de mulheres gerentes: evidências nas histórias de vida. 2004. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

DAÓLIO, Jocimar. Cultura: educação física e futebol. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2006.

DI PIERRO, Carla. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte. São Paulo, v.1, n.1, dez. 2007.

DORNELLES, P.G.; FRAGA, A.B. Aula Mista Versus Aula Separada? Uma questão de gênero recorrente na educação física escolar. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física* – ISSN 2175-8093 – Vol. 1, n. 1, p.141-156, Agosto /2009.

EVANGELISTA, Marcio Henrique Scotelano; MACHADO, Bruna Pinho; FRANCO, Neil. Sexualidade e Educação Física escolar nos periódicos brasileiros (1979-2018). *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-21, abril/junho, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-8042. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e67534>. Acesso em: 01 de abr. 2021.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Autêntica, 2013.

FREIRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. CAP. IV. Ed. 16. Ed. Global. 2006.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de (orgs.). Esportes de invasão: basquetebol, futebol, futsal, handebol, ultimate frisbee. v. 1. Maringá: Eduem, 2014. 326 p.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. *Motrivivência*, n. 16, 2001.

GOELLNER, Silvana Viloa produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org). *Corpo, gênero e sexualidade*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JESUS, Jaqueline G. de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. 2. ed. Brasília, 2012. 42 p.

JORAS, Pamela. Relações de gênero e futsal praticado por meninas na escola. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis, 2013.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2004.

LANZ, Letícia. Porque tenho medo de lhe dizer quem eu sou. In: Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa (ações) nos espaços de educação. / Organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro. [et al.]. – Rio Grande: Ed. Da FURG, 2018.

LANZ, Letícia. O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transigente; 2015.

LOURO, Guacira L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2020.

LOURO, Guacira L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Form. Doc., Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011.

LOURO, Guacira L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Edilaine Batista, et al. Gênero e Educação física: um estudo sobre as relações entre meninos e meninas na escola. Revista Digital, Buenos Aires, a.15, n. 144, maio de 2010.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. Psicologia da Educação. São Paulo, v.32, n.1, 2011.

MASCARIN, R. B. et al. (2017). Feminilidade e Preconceito de Gênero no Futsal: Uma perspectiva de atletas brasileiras. *Fluxos & Riscos*, 2(2), 83-96.

MARQUES, Clarice Gonçalves Pires. Questões de gênero na educação física escolar. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v.22, n.3, set./dez. 2014.

MELO, Thalita Carla Lima; ALBUQUERQUE; Silvio Rodrigo Laurindo Oliveira de; SILVA, Fernando Lucas da. Sexualidade e gênero na educação: contexto escolar em Maceió e a adaptação às novas demandas. Capa. Maceió, v.3, n.3, 2016.

MEYER, D. E. E. Corpo, violência e educação: uma abordagem de gênero. In: JUNQUEIRA, R.D. (Coord.). Diversificação sexual na educação: problematização 39 sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2009. P.213-232.

PAIM, Cristina Maria Chimelo. A responsabilidade social do professor de Educação Física frente à violência de gênero no contexto da educação física e dos esportes. In: *efdesports.com*. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd138/violencia-de-genero-no-contexto-da-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

PRADO, Vagner. M. do; RIBEIRO, Arilda. I. M. Gêneros, sexualidades e Educação Física escolar: um início de conversa. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 402-413, abr./jun. 2010.

PRADO, Vagner M. do; “Fica no gol para pegar as bolas”: educação física escolar e o dispositivo da (homo)sexualidade. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Educação Física e sexualidade: desafios educacionais. Ijuí: Editora Unijuí, 2017.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In ALGRANTI, Leila Mezan (org.). A prática feminista e o conceito de gênero. Textos didáticos. Campinas, IFCH, 2002.

PINSKY, Jaime; PISNKY, Carla Bassanezi (orgs.). História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

ROSA, Marcelo V.da; JITSUMORI, Carlos; BORGES, Andrey; RIBEIRO, Maria E. de. M. Mulheres e futebol: um estudo sobre esporte e preconceito. Revista Gênero, Niterói, v. 21, n. 1, p. 190-218, 2020.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, v.30, n.2, p. 303-311, abr./jun. 2016.

SARAIVA, Maria do Carmo. Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito. Ijuí: 2º ed. UNIJUÍ, 2005;

SANTANA, Wilton Carlos de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal Feminino: perfil e implicações pedagógicas. Revista Brasileira de Ciências e Movimento, São Paulo, v. 11, n.4, p. 45-50, out./dez.2003.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos. CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. Movimento. Porto Alegre, v.19, n.1, p.265-287, jan./mar. 2013.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. Métodos de pesquisa em atividade física. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

UCHOGA, Liane A. R.; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 38, p. 163-170, 2016.

VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In Silame Garcia, Emerson; Lemos, Kátia Lúcia Moreira. Temas atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2002.